

PATRIMÔNIO EM RUÍNAS: O RECREIO DOS TRABALHADORES EM SIDERÓPOLIS E AS MEMÓRIAS DO LAZER NOS TEMPOS DO CARVÃO

Jaqueline dos Santos Vitorino

Graduando/a do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

Paulo Sérgio Osório

Professor/a do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

Resumo: A pesquisa busca compreender a estrutura do Recreio dos trabalhadores de Siderópolis como um patrimônio industrial e evocador de memórias e identidades que dizem respeito ao período de exploração do carvão na cidade. E para além disso, este se constitui como uma importante fonte para entender as relações de trabalho e sociais que ocorreram naquele período. Com o fechamento da Companhia na década de 1990 na cidade, as estruturas da empresa se encontraram em situação de abandono e disputas pelos governos e moradores, provocando o processo de ruínas desses espaços. Sendo assim, Pretende discutir a relevância do Recreio dos Trabalhadores como um vetor de memórias para esses ex-trabalhadores e pessoas que frequentavam esses espaços, a partir de conceitos como o de patrimônio, memórias e identidades. Em termos metodológicos utilizaremos a história oral e a análise bibliográfica, além de trazer as discussões em relação à reconstrução e preservação deste espaço.

Palavras-chave: Companhia Siderúrgica Nacional, identidades, memórias, patrimônio industrial, Recreio dos Trabalhadores, Siderópolis.

1. Introdução

Quando analisadas as atividades e as estruturas do carvão em Santa Catarina, nos debruçamos em uma série de temas de pesquisas relacionadas ao modo de trabalho, a economia e aos danos causados ao meio ambiente que essa atividade de exploração gerou nas antigas vilas operárias. Porém, neste artigo, é evocado uma outra dimensão da história deste trabalho, uma dimensão cultural que visa perceber a partir das relações

sociais, as implicações do trabalho no cotidiano das pessoas.

Com a chegada da Companhia Siderúrgica Nacional em Santa Catarina no século XX, toda a estrutura econômica, social e cultural da cidade é modificada, principalmente pelas instalações de vilas operárias, que se contruíram como meio de disciplinas e controle dos funcionários. Nestas vilas encontravam-se vários benefícios como açougues, armazéns, ambulatórios, farmácias e além disso, a empresa investiu na cultura destes espaços, criando campos e times de futebol, cinemas e clubes recreativos como o Recreio dos Trabalhadores de Siderópolis (Rodrigues, 2016).¹

Esses espaços se caracterizam como locais que criavam formas de existências e resistências dos sujeitos que estavam ali inseridos, pois havia autonomia nas relações sociais e naquele espaço social. O lugar que foi palco de vários eventos e que proporcionou experiências para os indivíduos, hoje em sua condição de ruína, evoca as memórias deste trabalhado de exploração do carvão.

Siderópolis, município catarinense vizinho de Criciúma, era uma área com forte colonização italiana, denominado anteriormente como Belluno e pertencente ao município de Urussanga, com sua economia voltada para a agricultura e com sua paisagem rural. Porém com a instalação da siderúrgica na comunidade do Rio Fiorita, há o processo de urbanização e emancipação do município. O distrito de Nova Belluno passou a denominar-se Siderópolis pelo Decreto Lei 941 de 31 de dezembro de 1943, tendo acontecido sua emancipação em 1958.²

A exploração do carvão na cidade rendeu muitas mudanças para o lugar na época, porém com o fechamento da Siderúrgica na década de 1990, muitos dos trabalhadores se encontraram em situação de desemprego e tiveram que migrar para outras carboníferas da região. Além disso, os estabelecimentos pertencentes à Companhia foram doados e vendidos para o governo municipal e para outras mineradoras, além de ocorrerem disputas em torno do uso desses espaços pela associação de moradores, políticos e pelo sindicato, o que provocou o processo de degradação destas estruturas do complexo carbonífero.³

¹ A instalação da Companhia Siderúrgica Nacional na região iniciou em Capivari de Baixo- Santa Catarina como uma usina de beneficiamento, e para garantir e para garantir a produção necessária de carvão, foi necessário a implantação de uma unidade da empresa em Nova Belluno.

² Informações retiradas do site do IBGE e do Acervo Público de Santa Catarina.

³ RODRIGUES, Elaine. CARDOSO, Michele Gonçalves. **Recreio do trabalhador em Siderópolis: um patrimônio em ruínas**. In: Repositório Unesc, 2017.

Nas próximas seções do artigo, será discutido a relevância do prédio Recreio dos trabalhadores como um vetor de memória, conforme Janice Gonçalves⁴ traz este conceito. Neste espaço, circulam memórias do trabalho que são essenciais para a cidade, estabelecendo um diálogo com os conceitos de patrimônio industrial, memória e identidade individual e coletiva. Esse debate é fundamentado em autores como Pollak, Meneguello, Gonçalves e entre outros intelectuais percorridos nos próximos parágrafos.

Apesar da cidade ter em seu nome um pouco da história do carvão, essas narrativas estão perdidas nos discursos do município que enfatizam a imigração e colonização italiana na região, sendo possível recorrer ao material para a compreensão da exploração do carvão a partir da comunicação entre as memórias dos ex-trabalhadores e na análise desses espaços onde circulam essas memórias.

Observasse a ausência de debates em relação à história da exploração do carvão na cidade e dos patrimônios industriais que remetem a Companhia Siderúrgica Nacional no bairro, principalmente pelo contexto histórico e cultural da cidade. Há necessidade de valorizar outros aspectos da cultura e da história local, como também reconhecer estes bens que visibilizam outras narrativas do município.

Por isto, a pesquisa pretende compreender de que forma o Recreio dos Trabalhadores do Rio Fiorita se constitui como um patrimônio industrial e suscita memórias do trabalho e lazer do carvão nos ex-trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional. O objetivo desta pesquisa é discutir a importância deste prédio para a memória das pessoas que frequentavam esse espaço e na formação das identidades da cidade de Siderópolis, a partir dos conceitos listados acima e que serão explorados nas próximas seções, e do diálogo com a história oral realizada com um ex-trabalhador, o senhor Guerino Comim, habitante de Siderópolis que fez parte da história da indústria carbonífera na cidade.

Os procedimentos metodológicos abordados foram, levantamento bibliográfico, abordagem teórica, história oral e uma análise e articulação entre os dados da entrevista e os conceitos. Para fonte oral, foi selecionado o ex-funcionário Guerino Comim, morador da cidade e descendente de imigrantes italianos. Sua perspectiva revela uma

⁴ GONÇALVES, Janice. Lugares de memória, memórias concorrentes e leis memoriais. Revista Memória em rede, Pelotas, v.7, n.13, Jul./Dez.2015.

posição privilegiada dentro de um grupo social mais específico, ao mesmo tempo em que compartilha experiências vividas no local em questão. Além disso, o entrevistado possui proximidade com a pesquisadora deste estudo, manifestando interesse em relatar suas memórias sobre o espaço.

Ressalta-se que, atualmente, poucos dos antigos funcionários que frequentavam o Recreio dos Trabalhadores estão em condições de saúde adequadas para fornecer depoimentos sobre o período abordado, e para esta pesquisa foi optado por trazer relatos de alguém que havia trabalhado na siderúrgica. Porém, para uma futura ampliação da pesquisa, poderá ser selecionada outros indivíduos que também frequentavam esses espaços.

A entrevista realizada com o senhor Guerino Comim, ex-funcionário da siderúrgica, aponta elementos essenciais para contribuir com a pesquisa, pois se concretiza a ideia de que nos lugares estão incrustadas as memórias que montam uma narrativa sobre os acontecimentos e sobre as dinâmicas de trabalho, devendo ser considerados bens e patrimônios não só para as pessoas que experimentaram aquele período, mas para a historiografia da cidade.

Sendo assim, o seguinte artigo foi dividido em três principais seções: a primeira sendo “A companhia Siderúrgica Nacional em Siderópolis”; a segunda denominada “Cultura e diversão no período do carvão: os espaços de lazer na vila operária do Rio Fiorita”; e a última como “Entre ruínas e memórias: o Recreio dos Trabalhadores em Siderópolis e memórias da diversão”.

Na primeira seção, é abordado em um contexto geral a criação da Companhia Siderúrgica e sua instalação em Santa Catarina, especificamente na cidade de Siderópolis e as mudanças provocadas na estrutura econômica e social. Já na segunda sessão, iniciou-se a exposição sobre os espaços de sociabilidade e lazer na Vila operária Rio Fiorita, e em seguida dando destaque ao Recreio dos Trabalhadores e os eventos que iam ocorrendo nesses espaços na década de 1980 à 1990.

Já na última seção será abordado o processo de abandono do prédio do Recreio dos Trabalhadores, que é um patrimônio tombado pelo município mas que devido ao seu esquecimento e as disputas em torno do imóvel, atualmente se encontra em ruínas⁵.

⁵ RODRIGUES, Elaine. CARDOSO, Michele Gonçalves. **Recreio do trabalhador em Siderópolis: um patrimônio em ruínas**. In: Repositório Unesc, 2017.

Nessa seção também fará presente as memórias do Senhor Guerino Comim em relação a Siderúrgica e ao clube recreativo, junto com o diálogo dos conceitos de memória e patrimônio, importantes para o debate do reconhecimento do Recreio dos Trabalhadores como um patrimônio industrial evocador de memórias da história do carvão em Siderópolis.

2. A Companhia Siderúrgica Nacional em Siderópolis.

Durante a década de 1930 no governo de Getúlio Vargas, o Brasil passou por um processo de industrialização almejando os ideais de progresso do país, e para isso, se iniciou a criação de empresas estatais como as siderúrgicas e a exploração dos recursos naturais como o carvão para conquistar esse objetivo. Conforme afirma Carola:

Ao mesmo tempo em que se exaltava a importância do carvão nacional, também se desenvolvia a ideologia do progresso associada à economia carbonífera. Desde a década de 1920, mineradores, dirigentes e defensores da indústria carbonífera nacional difundiram discursos procurando associar valores patrióticos e ideais de progresso em defesa do carvão brasileiro (Carola, 2004, p.27).

Neste contexto, se inicia a maior exploração de carvão e a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional no Sul Catarinense, com destaque para os municípios de Criciúma, Içara, Lauro Müller, Urussanga e Siderópolis, que tiveram suas paisagens e seus modos de vida afetados pela chegada da mineradora. Desde o século XVIII, o carvão já era objeto de exploração e obtenção de riqueza em Santa Catarina, porém segundo Osório e Waschinewski (2017), é durante a década de 1940 que há um grande “boom” na exploração do carvão no sul do Brasil.

Com a vinda da Companhia para Siderópolis, também iniciava um processo de urbanização nestas cidades, pois era comum que diversos homens e mulheres buscassem emprego e melhores condições de vida. Para receber essa grande demanda de pessoas e famílias nos municípios, foi preciso investir nas moradias e em locais de assistências para estes novos moradores.

Segundo Rodrigues (2016) apesar das inconstâncias da exploração do carvão em Santa Catarina, a atividade sempre esteve presente na economia das cidades, recebendo grande investimento do governo e de outras empresas privadas com o propósito de obter

recursos. Sobre os investimentos feitos pela Companhia Siderúrgica Nacional, pode-se afirmar que:

Nesse período, foram construídas diversas estruturas ligadas à cultura do carvão, como bocas de mina, ramais de estradas de ferro e lavadores de carvão. Foram construídas também as vilas operárias e com elas, os armazéns, os clubes recreativos, os campos de futebol e as escolas onde iam estudar os filhos e filhas dos operários mineiros que, muitas vezes, também desempenhavam alguma função ligada à mineração. (Osório; Waschinewski, 2017, p.33).

No contexto de Siderópolis, os resquícios do carvão se encontram presentes nas estruturas em ruínas que pertenciam a Companhia Siderúrgica Nacional, nas casas das antigas vilas operárias e nas memórias dos antigos trabalhadores. O município que foi fortemente colonizado por imigrantes italianos e que tinha em sua economia atividades voltadas à agropecuária, sofreu grandes reverberações com a instalação da Companhia em sua localidade nos anos de 1940, seja desde sua emancipação política, até a mudanças sociais e econômicas e que foram responsáveis pelo crescimento da cidade. Segundo Rodrigues (2016), a cidade que foi criada a partir dos núcleos de colônias provenientes de Nova Veneza, se viu obrigada a vender suas terras e se adequar à nova atividade econômica que chegava em Belluno, mas isso não significou o fim das atividades de pecuária e plantio na cidade, que permanecem atualmente, mesmo que em menor quantidade.

A criação da Vila Operária do Rio Fiorita promoveu o surgimento de diversos locais de assistência, lazer e controle desses trabalhadores e daqueles que estavam inseridos naquele contexto, como os ambulatórios, farmácias, clubes recreativos, estradas de ferros, igrejas, vendas e açougues. A partir deste momento, a vida dos moradores da Vila passou a girar em torno das minas e da companhia, que tentava exercer o controle sobre estes:

Este bairro, no período pesquisado, ou seja, de 1930 até a década de 1970, apresentava um aspecto próprio dos lugares que se tornaram as vilas operárias. No dizer de Margareth Rago, “muito mais que uma maneira de morar, as vilas representam a vontade de impor sutilmente um estilo de vida”. (Bernardo, 2004, p.368).

A partir desse controle e disciplina exercidos pela própria empresa sobre os

trabalhadores, era possível evitar conflitos e greves sindicais que poderiam se fazer presentes neste contexto de trabalho, já que as condições nas minas sempre foram difíceis e de grandes riscos. As vilas e os clubes recreativos trataram de “acalmar os ânimos” dos trabalhadores. Conforme afirmam Ostetto, Costa e Bernardo (2004), esses espaços foram criados estrategicamente para que os moradores não precisassem sair destes locais em busca de assistência, e além disso era comum que os patrões fizessem visitas a essas vilas como forma de exercer simpatia as famílias e seus funcionários.

Não é o intuito desta pesquisa focar nas dimensões de controle do trabalho exercidos pela Companhia Siderúrgica Nacional, mas é importante apresentar essa proporção para explicar o contexto e os motivos do surgimento das Vilas operárias e perceber as nuances da história do surgimento do Recreio dos Trabalhadores.

Siderópolis foi cenário da grande exploração do carvão no Sul Catarinense, principalmente por essa região ter possuído em grande quantidade esse minério e ter recepcionado muito bem essa atividade econômica que estava ganhando força no país. As mudanças e investimentos na cidade do carvão foram grandes, sendo destacado aqui o surgimento dos espaços de lazer e cultura presentes não só em Siderópolis, mas em toda região Catarinense, e que se constituem como uma parte muito importante da história das cidades do complexo carbonífero.

Esses espaços de lazer e memória do carvão presentes em Siderópolis nos permitem analisar as estruturas e as relações sociais presentes naquele período e para além disso, promove o debate acerca deste patrimônio industrial como um espaço de circulação de memórias do trabalho.

3. A cultura e diversão no período do carvão: os espaços de lazer na vila operária Rio Fiorita

Como dito anteriormente, as atividades do carvão em Siderópolis não se limitaram apenas às minas, às oficinas e ao transporte do carvão. Em todos os momentos da história e das relações de trabalho, a questão cultural esteve entrelaçada com o cotidiano dos trabalhadores, seja dentro das fábricas e no contato entre pessoas, ou nos momentos de lazer e no mais simples ato de fazer compras para casa ou ir ao bar após um expediente.

A Vila Operária Rio Fiorita foi equipada com diversas estruturas destinadas a

suprir as necessidades dos funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional, proporcionando recursos para as suas subsistências e para manter o sustento de suas famílias. De acordo com Rodrigues (2017, p.32), as estruturas presentes na vila eram o escritório, o túnel, o Recreio dos Trabalhadores, o açougue, padaria, o estádio Mozart Vieira- Itaúna Atlético Clube, oficinas, almoxarifados, laboratórios, garagens, ambulatório, estrada de ferro, grupo escolar Senai, jardim de infância e Capela de Santa Bárbara.

Hoje esses espaços permanecem na paisagem da cidade, alguns mantendo sua função original, como por exemplo a capela do Rio Fiorita, ou ressignificados como o antigo escritório que se tornou Câmara de Vereadores, museu do carvão e biblioteca municipal, enquanto outros estão em completo abandono como o Recreio dos Trabalhadores.

Essas estruturas como a Capela, o Escritório e o Recreio dos trabalhadores que são presentes em Siderópolis, se constituem como patrimônios industriais para cidade, pois a partir de uma análise e estudos destes espaços, é possível perceber as características presentes nas vilas operárias daquele período, além de mapear e identificar os processos de exploração do carvão e a memórias do trabalho. De acordo com a carta patrimonial de Nizhny Tagil (2003):

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação. (2003, p.3).

As discussões relacionadas ao patrimônio industrial ainda são muito recentes no Brasil, tendo iniciado na década de 1970, anterior a difusão da disciplina de arqueologia industrial no país, sendo considerado o patrimônio industrial como integrante também do patrimônio cultural (Azevedo, 2010). O patrimônio industrial se configura como essas edificações ligadas ao carvão em Santa Catarina que remetem a memória do trabalho, e que interferem na paisagem e na construção de identidades de uma cidade (Costa; Osório,

2017).

Em Siderópolis, a Lei 781 de 20 de setembro de 1989 sobre o patrimônio histórico, científico e natural do município, afirma em seu 1º artigo que em são considerados patrimônios da cidade: “os bens móveis e imóveis existentes no seu território, cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história, quer por seu valor cultural a qualquer título” (Siderópolis, 1989). Porém, em 2019 foi criada a Lei 2311 de 2019, que apresenta fatos sobre a anulação de tombamento de bens a partir da falta de interesse do público sobre o local ou pelo desaparecimento do valor da estrutura.

São os únicos bens tombados a nível municipal relacionados à história do carvão em Siderópolis: o prédio do escritório da Companhia Siderúrgica, a Igreja de Santa Bárbara e o Recreio dos Trabalhadores.⁶ Esses espaços fornecem pistas dos momentos de sociabilidade que os trabalhadores tinham nesse período, permitindo compreender as dinâmicas de relacionamento tanto nas vilas operárias quanto no ambiente de trabalho ou de fé. Porém eles sofrem ameaças de destombamento se não forem conhecidos e reconhecidos pela comunidade como patrimônios industriais.

Apesar do processo de Tombamento do Recreio dos Trabalhadores em 2007 e do escritório em 2010, esses edifícios permanecem em estado de abandono por mais de uma década, sendo somente em 2023 criados projetos de revitalização desses locais, os quais serão abordados de maneira mais abrangente ao longo da próxima seção.

Como espaços de lazer onde os indivíduos socializaram durante o período carbonífero na Vila Operária Rio Fiorita, temos notoriamente o Itaúna Atlético Clube e o Clube Recreio dos Trabalhadores criado como sede para o time de futebol. Esses espaços de lazer foram criados pelo empresariado com o objetivo de disciplinar e controlar o tempo livre dos funcionários, tentando evitar possíveis greves e conflitos entre patrões e empregados, porém para além de espaços de controle, eles se tornaram palco de agitações e de luta da classe operária que reivindicava melhores condições de trabalho e salário (Cardoso, 2017).

Neste período de exploração do carvão, o futebol já era uma das grandes paixões

⁶ A Capela de Santa Bárbara foi tombada como patrimônio histórico e cultural do município pela Lei Nº 1802, de 28 de maio de 2009. O Recreio dos Trabalhadores foi tombado como patrimônio histórico municipal pela Lei Nº 1693 de 20 de julho de 2007. Por fim, o Escritório da CSN também foi tombado como patrimônio histórico da cidade pela Lei Nº 1906/2010.

dos funcionários. Havia grandes disputas entre os times formados por trabalhadores das vilas operárias e de outros bairros, sendo comum haver campeonatos e partidas aos fins de semana. Segundo Cardoso (2017), nos gramados estavam presentes os empregados que buscavam a permanência na empresa e também aqueles que defendiam as melhorias nas condições de emprego, além também das presenças das mulheres, dos patrões e das crianças nas arquibancadas assistindo aos jogos.

Com o crescimento do time Itaúna Atlético Clube, se viu necessário a criação de um clube que recebesse as comemorações e festividades da comunidade, e assim então fundado em 1954, o Recreio dos Trabalhadores torna-se um espaço de lazer e diversão para os funcionários da Companhia Siderúrgica e suas famílias. Abrigando bar, cinema, teatro e peças, carnavais, bailes e festas promovidas pela própria empresa, o local também serviu como espaço onde o sindicato dos mineiros realizava reuniões e assembleias para deliberações diversas. (Rodrigues, 2017).



Festival - Promoção da diretoria social da CSN - 1960 - Siderópolis - Recreio do trabalhador. Arquivo do Cedoc-Unesc.

Com a saída da Companhia Siderúrgica Nacional de Siderópolis em 1991, ocorreram disputas em torno das terras e edificações da empresa, sendo adquiridos por um valor e doados para a prefeitura municipal e associações de moradores. O campo do Itaúna ainda recebe alguns reparos pelo governo municipal e é palco de jogos entre os moradores da cidade. Já o Recreio dos Trabalhadores passou pelo processo de degradação

de sua estrutura devido aos conflitos em torno de seu controle, sofrendo depredações e sendo esquecido pelas políticas municipais e pelos moradores locais, chegando a sua ruína.

Em relação a trajetória das disputas em específico em torno do Recreio dos Trabalhadores, logo após a saída da empresa da cidade, o governo municipal adquiriu por compra a estrutura do clube recreativo, porém logo no ano de 2000, o espaço foi doado para a Associação Amigos de Siderópolis. Um ano após a doação, a lei é revogada e a estrutura volta a pertencer para a prefeitura de Siderópolis, mas devido a inconstância do poder deste bem e pela falta de verbas e investimentos para o lugar, o clube foi se degradando ao longo do tempo.



Recreio dos Trabalhadores em 2023. Foto: Nilton Alves/TN.

Em relação às demais estruturas, o escritório da Companhia foi inaugurado em dezembro de 2023 após sua reforma, abrigando a Câmara de Vereadores, a Fundação do Meio Ambiente de Siderópolis, a Academia de Letras e Artes (ALASI), o Conselho Tutelar e o Museu do Carvão. O ambulatório ainda está presente ao lado do escritório, tendo se tornado o posto de saúde do bairro; as oficinas e armazéns estão também abandonados e por fim, as marcas da mineração no solo e as estradas de ferro ainda fazem parte da paisagem da antiga vila operária.

Essas estruturas se constituem como patrimônio industrial de grande importância para a história do carvão, não só de Siderópolis, mas de toda região carbonífera Catarinense que sofreu implicações após a chegada da mineradora na região e que reverberam até os dias atuais. Conforme afirma Azevedo “O patrimônio industrial representa, portanto, o testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas.” (Azevedo, 2010, p.19). Por isso, é importante discutir esses lugares como evocadores de memórias e identidades dentro da comunidade, já que segundo Cardoso (2017):

Nesse panorama, sobre os espaços de sociabilidade e lazer, podemos identificar que nas manifestações, tangíveis ou intangíveis, estão registradas as práticas e saberes relacionados aos mundos do trabalho protagonizadas por homens e por mulheres do sul catarinense. Nesse sentido, seu registro e preservação contribui para a socialização das experiências vividas e, ainda, vivas dessa região. (Cardoso, 2017, p.62)

4. Ruínas e memórias: o Recreio dos Trabalhadores em Siderópolis e as memórias da diversão

Como já dito anteriormente, as estruturas do carvão em Siderópolis, em específico o Recreio dos Trabalhadores, se constituem como evocadores da memória do trabalho em Siderópolis. O clube é responsável pelas memórias do lazer e da diversão que ocorriam no período de exploração do carvão na cidade, porém essas memórias atualmente se encontram ameaçadas pelo esquecimento desta estrutura na história da cidade e pelo estado em ruínas que se encontra.

Para discutir o patrimônio industrial em sua plenitude, precisamos considerar e implicar a memória como fundamental para compreender a importância deste patrimônio (o Recreio dos Trabalhadores) para aqueles que frequentaram este espaço nas relações de mundo de trabalho. Cristina Meneguello afirma que “em primeiro lugar, é importante considerar a dimensão da preservação da memória do trabalho e dos trabalhadores, inclusive o conhecimento de técnicas e rotinas de produção, de organização e de sociabilidade, dentro e fora do espaço de produção”. (Meneguello, 2011, p.1819).

Pensar no patrimônio industrial não é só analisar os maquinários, os prédios e tão pouco as estruturas produtivas e tecnológicas, é também olhar para as relações sociais entre os indivíduos que se estabeleciam dentro e fora do ambiente de trabalho e que

dialogam com as estruturas e com a cultura, assim possibilitando novas percepções sobre o tema e novas temáticas para pesquisas. Além disso, as memórias são importantes para mobilizar discussões de preservação dos patrimônios históricos culturais de uma cidade, como no caso de Siderópolis, onde as lembranças das festividades e do trabalho podem promover a reconstrução e o salvaguardo do prédio do clube recreativo.

Antes de abordar especificamente as memórias do Recreio dos Trabalhadores, é necessário discutir o conceito de memória e sua relação com o patrimônio e identidade. De acordo com Candau, esses três conceitos estão intimamente ligados, pois para ele o patrimônio de constitui como uma dimensão da história que fortalece uma identidade individual e coletiva, ou seja, a memória é capaz de promover o sentimento de pertencimento a determinado tempo e acontecimento e podendo assim o indivíduo buscar no meio material aquilo que ativa suas lembranças e que o molda, o que caracteriza como parte de um grupo ou parte de uma história (Candau, 2011, p.16).

A memória é uma construção coletiva e social, que se transforma e está presente nos fragmentos, nos rastros da história (Pollak, 1992). A memória do trabalho do carvão e da Companhia na cidade de Siderópolis se encontra nos restos e ruínas do que foi um dia um espaço de grandes festas, de encontros, de sociabilidade e também de luta. Esse espaço se constitui hoje como um vetor de memórias, capaz de impulsionar e circular lembranças do que um dia foi aquele espaço e visibilizar as reverberações do trabalho e da empresa na cidade. De uma lugar tomado pelos discursos de imigração italiana e pelo trabalho agrícola, com a chegada da Siderúrgica surgiram novas formas de trabalho e de relações sociais agora voltadas às atividades carboníferas.

O Recreio dos Trabalhadores é um patrimônio industrial capaz de tecer narrativas sobre um período histórico, onde a memória trabalha e se revela como parte complementar de narrativas históricas em perspectiva do carvão na cidade. Pierre Nora, um dos historiadores mais citados ao falar sobre patrimônio e memórias, apresenta o conceito de lugares de memória como locais onde a memória se “cristaliza” e pode ser encontrada.⁷

Porém, apesar de haver espaços importantes que podem nos “revelar” memórias

⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

sobre um tempo passado, as lembranças não estão intactas e não permanecem sempre naquele ambiente. Conforme Janice Gonçalves defende, o conceito lugares de memória acaba por objetificar as lembranças e torna-lás uma memória-coisa, por isso não se deve considerar o patrimônio como lugares de memórias mas sim como ativadores destas.⁸

Como já dito anteriormente, a memória não se trata de um objeto ou de um artefato pronto e intransmutável, mas como um processo ativo e social, construída através das interações dos indivíduos e do contexto histórico e políticos das sociedades, onde podem ocorrer mudanças cotidianamente:

Seus sentidos, assim como seus valores, nascem de gestos de atribuição, presos a uma dada interpretação. Da mesma forma que os valores não lhes são inerentes, a memória não está neles contida: a memória busca algo que a mobilize e, de alguma forma, a “carregue”. Daí se pode pensar, em vez de lugares, em *vetores*, já que a palavra vetor indica aquilo que porta algo, assim como transmite, aponta ou, ainda, orienta. (Gonçalves, 2015, p.17).

Pensar no Recreio dos trabalhadores como um vetor de memória é possibilitar uma compreensão do trabalho a partir das práticas sociais e das relações que a atividade estabelecia entre os funcionários e as empresas. Neste sentido, há a necessidade de se pensar na história oral como fonte valiosa de pesquisa a respeito dos patrimônios e de memórias do trabalho, já que além de maquinários e prédios, a história do carvão em Siderópolis se constitui também dos sujeitos que nela se fizeram presentes. É dentro das memórias dos ex-trabalhadores e na história oral que conseguimos investigar os meios de produção, as estruturas das vilas operárias e as relações sociais em uma dimensão ampla, considerando estes sujeitos fundamentais dentro da historiografia.

A história oral é um campo que vem sendo bastante discutido e utilizado ao longo dos últimos anos pelos historiadores como uma fonte adicional aos estudos historiográficos. “A História oral, então é primordialmente uma arte da escuta” (Portelli, 2016, p.10), onde o historiador apesar de seguir um roteiro ou esperar que suas respostas sejam atendidas, precisa se atentar a cada palavra dita para interpretar e perceber nas falas, os detalhes que procura conhecer.

O trabalho da história oral não é explicar os eventos, nem tão pouco legitimar narrativas, mas sim compreender e perceber os significados dos acontecimentos para

⁸ GONÇALVES, Janice. Lugares de memória, memórias concorrentes e leis memoriais. Revista Memória em rede, Pelotas, v.7, n.13, Jul./Dez.2015.

aqueles que vivenciaram os episódios e que marcam as vidas dos narradores. A história oral é baseada e construída a partir das relações entre os entrevistados e entrevistadores, ao tempo histórico discutido e o vivenciado por estes sujeitos hoje, as narrativas já existentes sobre determinados acontecimentos e com o diálogo entre as fontes e a escrita do historiador (Portelli, 2016). A história oral é perpassada por questões culturais, sociais e políticas que influenciam nos testemunhos sobre determinados acontecimentos.

No estado atual do prédio do Recreio dos Trabalhadores do bairro Rio Fiorita, as memórias se fazem presentes entre as ruínas deste espaço que um dia foi responsável por garantir a alegria dos funcionários. A geração posterior ao encerramento das atividades do clube não conhece minimamente a história do local, tão pouco reconhece o como patrimônio industrial para a cidade. Já aqueles que vivenciaram as atividades do clube, lutam pelo reconhecimento e pela reconstrução e reinauguração deste espaço, devido as lembranças que surgem ao falar deste lugar.

Nesta seção, abre-se espaço para as memórias do senhor Guerino Comim, com idade de 84 anos, ex-trabalhador da siderúrgica, morador da cidade de Siderópolis e que teve sua vida marcada pela presença da Companhia Siderúrgica Nacional no município. Em uma entrevista realizada com o senhor, ele conta que a siderúrgica fez parte da história de sua família, iniciando com seu pai na construção e instalação da empresa em Siderópolis.

Ele narra em sua entrevista que seu avô morava em um terreno onde havia indícios de carvão, então a Companhia Siderúrgica Nacional ofereceu um valor para comprar seu terreno para a exploração do minério, o que era muito comum na época. Foi assim que seu pai iniciou sua jornada de trabalho na siderúrgica:

Meu pai entrou na Siderúrgica usando o carro de boi do meu avô para fazer o chão do escritório, da Companhia Siderúrgica. Isso que naquele tempo não tinha trator, não tinha retroescavadeira, não tinha nada... Aí fizeram serviço lá, tal, né. Aí veio, ele foi junto para ajudar a fazer o escritório, meu pai pegou de servente ali com os pedreiros, e quando terminaram, a Companhia fichou ele para fazer o desenvolvimento de pesquisa do carvão.⁹

Conforme a entrevista, seu Guerino teve seu primeiro contato com a siderúrgica após seu pai Antônio Comim iniciar o trabalho na empresa na área de pesquisa de carvão no solo da cidade em 1941, quando o entrevistado tinha apenas um ano de idade. Então

⁹ Entrevista com Guerino Comim concedida à Jaqueline Vitorino em 14 de outubro de 2024.

desde muito pequeno, o senhor Comim já frequentava esses espaços e estava se “familiarizando” com eles. Como era filho de funcionário, ele estudava no SENAI, onde hoje se encontra a escola de educação básica Dr. Tullo Cavallazi no bairro Rio Fiorita.

“As Escolas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), criadas no ano de 1942 por meio do Decreto-Lei nº 4.048, a Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC), criada 1959, por iniciativa da Indústria Carbonífera de Santa Catarina” (Osório, Waschinewski, 2017, p.34), serviram como uma oportunidade da empresa promover uma futura mão de obra qualificada para o trabalho do carvão em Siderópolis. Conforme afirma o entrevistado “Tinha professor de solda, que era o meu professor, tinha solda, ferraria, parte elétrica, marcenaria, cada um tinha um professor... e eles ensinavam o trabalho da Siderúrgica”.¹⁰

Foi em 1958 aos 18 anos de idade que o senhor Guerino iniciou sua carreira profissional trabalhando nas minas de carvão na Vila operária Próspera em Criciúma. Porém, após ficar doente devido ao ambiente de trabalho das minas, ele sai da Companhia Siderúrgica Nacional e vai trabalhar na Carbonífera Metropolitana em Treviso (Município vizinho de Siderópolis), como mecânico de máquinas por 17 anos. Porém, com o surgimento de uma oportunidade melhor de trabalho como mecânico, ele retorna para a companhia Siderúrgica e se torna responsável pelas maquinações da exploração de carvão, principalmente pela grande escavadeira Marion.¹¹

Ao citar o Recreio dos Trabalhadores, o entrevistado relembra com entusiasmo e saudosismo os momentos que viveu com os colegas de trabalho, amigos e com a família, além de lembrar as histórias que seu pai narrava. Ele conta que seus pais eram considerados “campeões” de dança nos bailes que aconteciam no local, lembra que foi o local onde pela primeira vez assistiu o filme “Mazzaropi” e que, posteriormente até mesmos seus filhos participaram de bailes de carnaval promovidos pela empresa: “Ali nós tinha todo ano, na véspera de Natal, lembro que eu ganhava uma bola, deixavam eu chutar a bola de futebol, minhas irmãs bonecas também [...]”¹². A companhia Siderúrgica Nacional a partir destes eventos e ações, buscava promover uma ideia de empresa

¹⁰ Entrevista com Guerino Comim concedida à Jaqueline Vitorino em 14 de outubro de 2024.

¹¹ Em 1953, a Companhia Siderúrgica Nacional compra o controle acionário da Sociedade Carbonífera da Próspera.

¹² Entrevista com Guerino Comim concedida à Jaqueline Vitorino em 14 de outubro de 2024.

“acolhedora e familiar”, visando evitar futuros conflitos e greves de funcionários, além também de recompensar pelo trabalho e dedicação dos funcionários da empresa.

Nesses espaços de lazer encontramos narrativas sobre o trabalho e as técnicas, além das percepções de relações sociais que se fundavam na época. O Recreio dos Trabalhadores para além de um espaço de memórias da diversão, se constitui como um local onde são percebidas e visibilizadas histórias políticas e sociais, que inundam todas as perspectivas de trabalho e de produção capitalista.

Ao escutar as histórias e lembranças do Senhor Guerino Comim, percebe-se como para ele a Companhia Siderúrgica Nacional foi algo significativo em sua vida e que trouxe só benefícios para sua família, pois ele ocupava uma posição confortável e de certo privilégio na empresa. Se entrevistarmos outros funcionários que trabalhavam nas minas, que eram de outro grupo social menos elitizado, teremos uma outra perspectiva em relação à siderúrgica e ao clube, porém esta questão não será abordada com tanta ênfase neste artigo.

Para compreender o trabalho de exploração do carvão e os impactos da Companhia Siderúrgica Nacional na formação da cidade de Siderópolis, é fundamental considerar os espaços de lazer, como o Recreio dos Trabalhadores de Rio Fiorita, como locais onde as memórias do trabalho são evidenciadas. Nesses espaços, circulavam informações, técnicas, conhecimento, trocas culturais, discussões em relação ao trabalho e lutas operárias, promovendo as relações sociais entre os trabalhadores. Porém esses espaços hoje passam por um grande problema: o não reconhecimento destes como patrimônios industriais importantes para a cidade e a falta de cuidados que causam danos físicos aos espaços e até promovem sua ruína.

A história do carvão em Siderópolis é colocada como segundo plano nas narrativas de construção da cidade. Essas memórias do carvão acabam entrando em disputas com as narrativas vistas como oficiais e importantes para a história da cidade que valorizam deliberadamente a construção de uma cidade formada apenas a partir do trabalho do imigrante italiano. Pollak (1989)¹³ afirma que as memórias envolvem um processo de disputas políticas de poder, que assegurem o que deve ser dito e não dito, silenciando outros sujeitos e outras memórias que não se enquadram dentro da história oficial.

¹³POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revistas Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

E neste sentido que há a dificuldade de se preservar e valorizar o Recreio dos Trabalhadores de Siderópolis, pois além das disputas que ocorreram pelo local, quando estas memórias de diversão não se tornam visibilizadas pelo governo e pela historiografia, não se pode reconhecer estes locais como um arquivo vivo de memórias:

A preservação ou a ausência de preservação fazem parte de um mesmo processo seletivo; as escolhas justificadas de proteção de edifícios, com critérios informados, assim como o desinteresse ou a sobrevivência aleatória dos bens incidem sobre as cidades e a preservação de sua memória (Meneguello, 2011, p. 1831-1832).

O senhor Comim em sua entrevista concedida conta que ficou triste na época ao saber da notícia que a empresa estava fechando e comenta sobre a atual situação do Recreio dos Trabalhadores:

E o recreio tá desmanchando, tá desmanchando tudo. Ninguém... Ninguém se interessou... lá podia ser um bar, sei lá, um restaurante, alguma coisa. Eu sempre passava por ali indo para Treviso e eu sempre dizia, poxa, isso aí não podia ter acontecido [...] - comenta o entrevistado com um tom de indignação.

14

Quando é utilizado de fonte oral para pesquisa e produção de textos, é necessário abordar as costuras e subjetividades por trás de cada declaração, de cada fala dos entrevistados. O senhor Guerino Comim possui notoriamente uma relação de carinho e admiração pela história da Companhia Siderúrgica Nacional devido às relações da empresa com a história de sua família, por isso suas memórias carregam também afetividades e percepções que não serão lidas da mesma forma por todos os sujeitos, principalmente se forem aqueles que não vivenciaram as mesmas experiências que o entrevistado vivenciou.

Em um momento com o entrevistado, foi percorrido nestes espaços onde a Companhia Siderúrgica Nacional se instalou no bairro, sendo eles o escritório da companhia, algumas oficinas, terrenos de mineração do solo e o Recreio. Nestes espaços, o senhor Comim foi recordando de tudo que vivenciou quando frequentava esses lugares, mostrando como eles podem evocar memórias, como por exemplo, quando estava nas ruínas do Recreio dos Trabalhadores, ele lembrou de quando ainda era adolescente e juntava guimbas de cigarro com os seus amigos do pátio do clube.

Para concluir, Candau afirma que “não há busca identitária sem memória e,

¹⁴ Entrevista com Guerino Comim concedida à Jaqueline Vitorino em 14 de outubro de 2024.

inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”, ou seja, há uma relação unilateral entre memória e identidade, uma precisa da outra para reforçar o sentimento de pertencimento de um determinado grupo e sujeito. E é neste contexto que percebemos a relevância do Prédio do Recreio dos Trabalhadores como um patrimônio industrial que evoca memórias, que nos permite visualizar as dinâmicas de trabalho e visibiliza novos sujeitos e novas narrativas sobre a Companhia Siderúrgica Nacional e suas reverberações no contexto de crescimento e modernização da cidade.

5. Considerações Finais

A companhia Siderúrgica Nacional provocou diversas mudanças econômicas, políticas e sociais na cidade de Siderópolis, que são percebidas ainda hoje nas ruínas e resquícios do que um dia foi a Vila Operária do Rio Fiorita, e que se fazem presentes nas memórias dos ex-trabalhadores da siderúrgica. Essas memórias se encontram muitas vezes escondidas atrás de discursos de imigração italiana na formação do município, mas elas existem e resistem no tempo.

Com o surgimento da Vila Operária do Rio Fiorita, as marcas da mineração se tornaram mais profundas que as marcas deixadas pela Marion no solo da cidade. A cultura e as relações sociais foram afetadas pelos meios de produção e exploração do carvão. A cidade passa a ser vista como uma grande oportunidade de adquirir riquezas a partir da exploração do mineral, com isso várias pessoas oriundas de todos os lugares do Brasil, desde arquitetos, mecânicos, economistas, administradores e até mesmo funcionários do “chão de fábrica” são tentadas a migrarem para a região, influenciando na cultura da cidade.

Antes a cidade que se constituía pelo trabalho de lavouras e pecuárias, passou a se tornar um município de grande agitação com a passagem do trem levando o carvão para outras cidades e estados. A paisagem que era rural, aos poucos se torna urbana com o surgimento das casas de alvenaria e madeiras, com as construções de oficinas, farmácias, ambulatórios, mercados, açougues, escolas, igrejas e clubes recreativos. A cidade se transformou aos poucos a partir das influências que recebia da Companhia Siderúrgica Nacional.

Se o surgimento da vila operária pela empresa foi devido a tentativa de controlar

e disciplinar os trabalhadores, ao mesmo tempo estes mesmos recursos abriram espaços para novas discussões e reivindicações de melhorias nas condições de trabalho, pois eram nesses ambientes urbanos como o clube recreativo ou nas arquibancadas de futebol que se planejavam próximas assembleias e propostas relacionadas à temática do trabalho.

O Recreio dos Trabalhadores não escapou das questões de reclamações sobre o trabalho ou das queixas dos funcionários, no entanto, o que prevalece na memória daqueles que frequentavam esses espaços são as lembranças de um período marcado pela animação e pela festividade, em que as dificuldades laborais eram temporariamente esquecidas, e o lazer assumia o papel central após um dia exaustivo de trabalho.

Atualmente, esse espaço que já foi cenário de inúmeras festividades e que promoveu a alegria dos funcionários da siderúrgica, apresenta-se como ruína do que, em um outro momento, integrou o cotidiano dos trabalhadores. Apesar de ser um bem tombado pelo município e de haver leis que assegurem a preservação e o cuidado deste patrimônio industrial da história do carvão em Siderópolis, isto não foi suficiente para o abandono deste bem, pois as disputas em seu entorno provocaram sua degradação

Nos últimos anos, o governo de Siderópolis vem criando vários projetos de revitalização e reconstrução destes patrimônios industriais ligados a história do carvão no município, como por exemplo a revitalização que ocorreu em 2023 no prédio do escritório da Companhia Siderúrgica Nacional, e que hoje, após sua reinauguração, recebe uma nova demanda como já dito anteriormente. Em setembro de 2024, o governo anunciou a reforma do Recreio dos Trabalhadores, o que repercutiu nas redes sociais de forma muito positiva entre a comunidade, confirmando a importância deste lugar como um espaço repleto de memórias que reflete a identidade do bairro Rio Fiorita e de toda a região carbonífera catarinense.

O clube Recreio dos Trabalhadores de Siderópolis assume um papel fundamental como patrimônio industrial, funcionando como um caminho entre o passado e o presente, capaz de suscitar reflexões sobre as relações de trabalho e a vida cotidiana dos sujeitos envolvidos na atividade de exploração de carvão da cidade. A análise desse espaço não apenas resgata as memórias e narrativas históricas, mas também contribui para compreensão das dinâmicas sociais e das condições de trabalho daquele período.

Pensar no campo do patrimônio industrial não é apenas apontar as materialidades e os objetos que remetem a um passado industrial de um lugar, mas também pensar nas

pessoas que o tornam um campo vivo. Conforme afirma Mello e Silva:

Um aspecto pouco considerado do patrimônio industrial é que ele é um campo de investigação vivo, e não passadista ou morto. Isso porque não se limita apenas a um conjunto de bens arquitetônicos ou sítios cheios de objetos e partes de objetos interessantes. (...). Nesse sentido, o patrimônio industrial permite a elucidação da transmissão de um saber técnico. Ele permite estabelecer, hoje, um elo entre as formas de produzir - o que envolve homens/mulheres e máquinas - e a cultura (Mello e Silva, 2006)

Estudar e preservar a materialidade deste ambiente é, portanto, preservar a identidade da comunidade do Rio Fiorita e de todos aqueles sujeitos que fizeram parte da história da indústria do carvão na região, reafirmando a importância da memória como fonte e pilar na valorização do patrimônio industrial e cultural.

6. Referências

ARAÚJO, Fábio Salgado. A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as políticas sociais de lazer para os trabalhadores: os clubes sociorecreativos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 1-35, 2015. DOI: 10.35699/1981-3171.2015.1125. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1125>. Acesso em: 17 set. 2024.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAROLA, Carlos Renato. **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais**. Criciúma: Ediunesc, 2011.

CAVALER, Alexandra. Governo de Siderópolis quer recuperar imóvel abandonado. TN Sul, Criciúma, 2023. In: <https://tns.com/2023/11/14/governo-de-sideropolis-quer-recuperar-imovel-abandonado/>. Acesso em 15 nov. 2024.

COMIM, Guerino. Entrevista concedida a Jaqueline Vitorino. Siderópolis: 14 out. 2024.

COSTA, Marli de Oliveira. OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Memórias e identidades: as estruturas carboníferas como patrimônio cultural de Santa Catarina**. Criciúma: 1. ed. Ediunesc, 2017.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória**. In: Revista Museologia e Patrimônio, Vol. II nº 1. Jan/Jun de 2009. p. 22-35

Festival - Promoção da diretoria social da CSN - 1960 - Siderópolis - Recreio do trabalhador. Arquivo do Cedoc Unesc.

FILHO, Alcides Goulart. *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

FILHO, Alcides Gourlati. **Memória e cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: ed. Cidade Futura, 2004.

GONÇALVES, Janice. Em Busca do patrimônio catarinense: tombamentos estaduais em Santa Catarina. In: XXVI-Simpósio Nacional de História-ANPUH. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, 2011. p. 1-11. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308188681_ARQUIVO_anpuh_2011_janice.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024

GONÇALVES, Janice. Lugares de Memória, Memórias concorrentes e Leis Memoriais. **Revista Memória em Rede**: Pelotas, v.7, n.13, Jul./Dez.2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/6265>. Acesso em: 02 set. 2024.

GONÇALVES, Janice. **Patrimônio em litígio**: conflitos e tensões no tombamento estaduais catarinenses. *Anais do XIV Encontro Estadual de História*. <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20caprao%20f>. Acesso em: 05 mai. 2024.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: *Historiae*, Rio Grande: 2012. p. 27-46. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/download/3260/1937/9120>. Acesso em: 02 out. 2024.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. In: *Patrimônio-Revista Eletrônica do IPHAN*. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: n. 4, 2006. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001580457>. Acesso em: 17 set. 2024.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1981.

MADUELL, Itala. **A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak**. In: IX Encontro Regional Sudeste de História Oral, 2015. Disponível em: https://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Itala_Maduell.pdf. Acesso em: 06 abr. 2024.

MELLO E SILVA, L. (2006). Patrimônio Industrial: Passado e Presente. **Patrimônio-Revista Eletrônica do Iphan**, Brasília, v. 4. Disponível em <http://www.iphan.gov.br>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MENEGUELLO, Cristina. **Patrimônio industrial como tema de pesquisa**. Anais do Seminário Internacional na História do tempo presente, 2011. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/313/234>. Acesso em:

17 jun. 2024.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio Industrial como tema de pesquisa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UDESC, 2011. p. 1819-1834. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/313/234#:~:text=O%20patrim%C3%B4nio%20industrial%20est%C3%A1%20definitivamente,edifica%C3%A7%C3%B5es%20industriais%20na%20trama%20urbana>. Acesso em: 22 ago. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Revistas Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989. Disponível em: <https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoriaesquecimentosilencio.pdf>. Acesso em 5 mai. 2024.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POSSOLI, Thaize. **A importância da educação patrimonial: a CSN como patrimônio histórico em Siderópolis**. 2008. Monografia (História Ensino e Linguagens). Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2008. Disponível em: <http://200.18.15.60:8080/pergamumweb/vinculos/000038/00003826.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

RODRIGUES, Elaine. CARDOSO, Michele Gonçalves. **Recreio do trabalhador em Siderópolis: um patrimônio em ruínas**. In: Repositório Unesc, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368206907_RECREIO_DO_TRABALHADOR_DE_SIDEROPOLIS_UM_PATRIMONIO_EM_RUINAS.

RODRIGUES, ELAINE. **Patrimônio industrial: Uso, conflitos e disputas em torno das estruturas do carvão em Siderópolis/SC**. Orientador: Michele Gonçalves Cardoso. 2016. Trabalho de conclusão de curso (graduação)- Curso de História Licenciatura, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6106/1/ELAINE%20RODRIGUES.pdf>. Acesso em: 10 mar.2024.

SIDERÓPOLIS, Lei nº 1693, de julho de 2007. Siderópolis, 2007.

SIDERÓPOLIS. Lei nº 1322 de 29 de dezembro de 2000. Siderópolis, 2000.

SIDERÓPOLIS. Lei nº 1342 de 18 de abril de 2001. Siderópolis, 2001.

SIDERÓPOLIS. Lei nº 1802, de 28 de maio de 2009. Siderópolis, 2009.

SIDERÓPOLIS. Lei nº 380, de 19 de dezembro de 1958. Siderópolis, 1958.

SIDERÓPOLIS. Lei nº 781 de 20 de setembro de 1989. Siderópolis, 1989.

The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (2003). Carta de Nizhny Tagil para o Patrimônio Industrial.